

Letras Prá Vida a Esperançar com Paulo Freire

Dina Soeiro¹, Lina Santos², Silvia Parreiral³, Carla Patrão⁴

Letters for Life to Hope with Paulo Freire

1. O projeto *Letras Prá Vida* na perspetiva da educação para a mudança

O projeto comunitário *Letras Prá Vida* é desenvolvido, desde 2015, em Portugal, e é coordenado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Encontra-se em seis territórios, 10 localidades, com 14 grupos, cerca de 180 participantes, mobiliza mais de 50 colaboradores e 28 parceiros, entre instituições de ensino superior, municípios, associações e instituições de solidariedade social.

Esta iniciativa de educação de adultos dinamiza oficinas, abertas e gratuitas, habitualmente com duas edições por ano, a de primavera, que ocorre entre março e junho e a de outono, de outubro a janeiro. Cada grupo reúne semanalmente em espaços cedidos pelos parceiros. Oferecemos diversas oficinas: as de alfabetização, as *Letras Prá Vida* (que dão nome ao projeto); para a promoção da literacia digital, as *Teclas Prá Vida*; e as *Músicas Prá Vida*, que procuram responder às especificidades dos participantes mais idosos, explorando o elevado potencial socioeducativo da música com pessoas com défice cognitivo e/ou demência.

¹ Coordenadora pedagógica e científica do Projeto Letras Prá Vida, Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Investigadora do Instituto Politécnico de Coimbra, ESEC, Centro de Desenvolvimento do Potencial Humano (CDPH), Núcleo de Investigação em Ciências Sociais e Humanas (NICSH) e do Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra (CISUC)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1249-2711> | E-mail: disoeiro@esec.pt

² Coordenadora Local do Projeto Letras Prá Vida, Mestre em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, Escola Superior de Educação de Coimbra, Técnica Superior da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0886-0262> | E-mail: linagemea@gmail.com

³ Coordenadora pedagógica e científica do Projeto Letras Prá Vida, Doutora em Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra Investigadora do GRUPOEDE - Grupo de Políticas e Organizações Educativas e Dinâmicas Educacionais do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6344-5141> | E-mail: scruzp@esec.pt

⁴ Coordenadora pedagógica e científica do Projeto Letras Prá Vida, Doutora em Ciências e Tecnologias da Informação, Universidade de Coimbra. Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Investigadora do Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra (CISUC), do Instituto Politécnico de Coimbra, ESEC, e do Centro de Desenvolvimento do Potencial Humano (CDPH), Núcleo de Investigação em Ciências Sociais e Humanas (NICSH).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4232-1123> | E-mail: cptrao@esec.pt

Para além das diferentes literacias, estas oficinas contribuem para o diálogo intergeracional, a igualdade de oportunidades de aprendizagem, o empoderamento, a inclusão social, o combate à solidão e ao isolamento, o envelhecimento ativo, a participação cívica, a cidadania democrática e a educação para a saúde.

Porque este projeto concretiza a reciprocidade entre o ensino superior e a comunidade, acresce a esta dimensão de intervenção socioeducativa, baseada na aprendizagem em serviço (Sigmon, 1979, Bringle & Hatcher, 1996, Jacoby, 1996, Butin, 2005), uma dimensão de investigação-ação participativa e crítica (Kemmis, McTaggart & Nixon, 2014), uma dimensão formativa de educação e literacia de adultos e uma comunidade de prática que contribui, através dos amigos críticos do projeto, para a reflexão crítica sobre a prática, como Freire preconiza (2008).

A comunidade de prática reúne anualmente, desde 2017, nos *Encontros de Educação de Adultos Prá Vida*, para o debate crítico sobre a educação de adultos, contribuir ativamente para a promoção da educação de adultos para todos(as), divulgar boas práticas no âmbito da educação de adultos em Portugal e celebrar a alegria e o poder de aprender ao longo da vida. Os Encontros, abertos e gratuitos, promovem o diálogo entre académicos, estudantes, políticos nacionais e locais, profissionais da educação de adultos, parceiros e os participantes das oficinas.

Nesta perspetiva de educação para a mudança (Manninen, Jetsu, Sgier, 2019), o projeto assume uma dimensão política onde a voz dos participantes se faz ouvir.

Por meio de uma ação de influência teimosa e persistente, defendemos a educação enquanto bem público para todos(as), a valorização da educação de adultos não formal e da educação de adultos mais velhos como um direito e um investimento. Para esta missão, contamos com os media como aliados, temos para isso uma participação ativa em congressos de comunicação social e uma presença visível nos media. Apesar de ser um desafio difícil, procuramos o envolvimento comprometido dos atores políticos, quer a nível local (alguns deles até se tornam parceiros do projeto) como a nível nacional, e até a nível europeu, com a participação em várias redes.

2. A escuta na relação dialógica em contexto

O projeto *Letras Prá Vida* define-se também pela intervenção, na e com a comunidade, como promotor de literacia, da capacitação e do empoderamento, da autoestima e autoeficácia, através da participação, da oferta de oportunidades de aprendizagem intergeracionais e de inclusão social.

As relações nascem e desenvolvem-se inseridas num contexto. Todos aprendemos na interação com o nosso contexto na e com a comunidade. É nele que está a nossa identidade, as nossas recordações, é lá que aprendemos a fazer e a ver fazer, é a nossa realidade. Paulo Freire (1989) descreve o seu contexto como o seu mundo imediato do qual fazia parte o universo da linguagem dos mais velhos, que expressava as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos do que o do seu mundo imediato.

Freire (2006) adverte que não aprendemos a nadar numa biblioteca, mas na água, afirmando assim a importância do contexto. É por isso que nas oficinas, integramos o contexto e construímos, com as pessoas envolvidas, o contexto dentro das oficinas. O projeto *Letras Prá Vida* vai ao encontro das pessoas inseridas no seu contexto, na sua comunidade, conhecer os seus hábitos, a sua cultura, as suas expressões, vai entrar nos seus “mundos” e levar-lhes formas de conhecerem novos mundos, são janelas de esperança contra a solidão.

As oficinas dependem do contexto e das pessoas envolvidas, por isso são diferentes e oferecem atividades individuais e de grupo, que se definem a partir das questões pessoais e colectivas, numa perspetiva de *pedagogia da pergunta* em vez da *pedagogia da resposta* (Freire & Faundez, 1985), enquadrada numa concepção problematizadora e libertadora da educação (Freire, 2006).

A metodologia que pomos em prática nas oficinas de alfabetização, de natureza não formal, começa pelo reconhecimento e valorização das pessoas, da sua literacia da vida e dos afectos nas relações, na e com a comunidade, num ambiente intergeracional.

O envolvimento nas atividades do projeto contribui para o empoderamento de todos, quer dos participantes como da equipa. A equipa dinamizadora disponibiliza os meios para que os participantes, a partir dos seus interesses, explorem mundos novos.

Numa disponibilidade total para com quem fala, “escutar, no sentido aqui discutido significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (Freire, 2008, p. 119). As oficinas e os nossos Encontros são espaços onde todos podem dizer a sua palavra. É fundamental “reconhecer nos outros (...) o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los” (Freire, 1989, p. 17). É dos participantes a palavra sobre que objetivos vão perseguir na sua aprendizagem; é de sua proposta o nome que dão ao seu próprio grupo (reificando a sua identidade colectiva); é a sua palavra que define que visitas o grupo realiza, seja ir à biblioteca, ao museu ou ver o mar... Também os participantes, com a equipa, definem o como vão aprender, avaliam processos e resultados, e, ao celebrarem o poder e a alegria de aprender (European Association for the Education of Adults, 2019) na festa anual de entrega dos certificados de participação, elevam a sua voz e, nas palavras que dizem com o coração, partilham o significado de pertencerem à família *Letras Prá Vida* e fazerem este caminho em conjunto.

No projeto, a palavra é de todos e de cada um. Esta relação de comunicação com o outro, em que todos escutam, todos são ouvidos e todos dizem a sua palavra, só é possível pela generosidade do diálogo. A disponibilidade possibilita criar um ambiente de cumplicidade que facilita a horizontalidade das relações. A comunicação é baseada numa relação horizontal entre todos, os dinamizadores e os participantes. A disposição física das pessoas e do espaço é facilitadora do diálogo de aprendizagem. Lado a lado dos participantes sentam-se os dinamizadores da equipa.

As oficinas têm sempre flores sobre a mesa, livros diversos, dicionários, computadores, jornais e revistas, que vão ao encontro dos gostos dos participantes, mas vão para além deles, dando oportunidade à descoberta de novos interesses. Os espaços são cuidadosamente preparados em contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica, tal como era a visão de Freire para uma prática educativa progressista (Freire, 1995).

A atitude de abertura e vontade de aprender é contagiosa e entusiasma todos. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento” (Freire, 2008, p. 136). Esta é a humildade de “que quem sabe saiba sobretudo que ninguém ache tudo e que ninguém tudo ignora.” (Freire, 1989, p. 17), pois todos somos aprendentes permanentes. O diálogo e a entejuda permitem a cada participante e a cada membro da equipa ultrapassar as dificuldades que possam surgir no processo de aprendizagem. Todos são aprendentes nesta partilha constante. Neste processo, propõe-se que educadores e educandos desenvolvam um sentido crítico da leitura do mundo e da sua realidade, um “autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores (...) se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente” (Freire, 1981, pp. 80-81). A relação dialógica alimenta o processo de aprendizagem, onde os afectos, os saberes e a realidade de cada um são os temas geradores, para a conscientização da realidade social: “um ato de conhecimento no processo de alfabetização de adultos, demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo” (Freire, 1981, p. 40).

O diálogo não é só autêntico no plano da aprendizagem e construção partilhada do conhecimento, mas é significativo também no plano dos afectos. “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que

é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (Freire, 2006, pp. 91-92).

3. Alfabetização com o coração

Presente na obra de Paulo Freire, a amorosidade é traduzida, no projeto *Letras Prá Vida*, como *alfabetização com o coração*. O projeto promove a participação e a inclusão social, com um olhar atento às diferenças do outro, onde todos são convidados a participar. Num contexto não formal, num ambiente próximo e familiar, acolhemos com o coração. Damos e recebemos afeto, que incentiva a motivação e a participação. Somos assumidamente humanistas românticos, no sentido da valorização do amor. Como Freire: “insisto sobre a esfera afetiva das coisas, sobre as dimensões humanísticas e intuitivas do ato de conhecer. Jamais pus sentimentos e emoções entre parênteses. Apenas os reconheço à medida que os expresse” (Freire e Macedo, 2011, p. 161). Os sentimentos e as emoções são expressos naturalmente, são acolhidos e fazem parte das dinâmicas. Porque as letras são prá vida, da vida e sobre a vida, necessariamente contemplam tristezas e alegrias. Apesar do ambiente ser alegre, luminoso e a atitude otimista e de esperança, não alimentamos a conspiração do silêncio sobre a morte, o luto, a doença, a dor ou outros tormentos que as pessoas sentem. Muitas vezes nos chegamos às oficinas cabisbaixas, de olhar triste e sorriso ausente e durante a oficina o sol abre-se com uma gargalhada, a dor é substituída pela descoberta de algo novo, e à saída, o sorriso e o brilho nos olhos aquecem os corações.

Há todo um mundo novo a descobrir sempre com uma visão crítica, onde se aprende sem recurso a memorizações mecânicas, mas com recurso à prática e reflexão com e sobre a vida. “Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem” (Freire, 1981, p. 40). Partilhamos com Freire a “alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra” (Freire, 1989, p. 19).

O projeto vai ao encontro de quem não sabe ler nem escrever, daqueles que, na vida, não tiveram oportunidade de ir à escola, dos que dela saíram antes de terminar o ensino básico ou daqueles que a escola não conseguiu acolher. Todos são bem-vindos, imigrantes, pessoas de etnia cigana, idosos, jovens adultos, todos são convidados a participar nas oficinas. A porta está sempre aberta e é frequente juntarem-se nas oficinas vários membros da mesma família, casais, irmãos, primos, ou até várias gerações: avós, filhos e netos. Apesar do projeto se dedicar à educação de adultos, as crianças e os jovens adolescentes também gostam de estar, participam e integram as comunidades de aprendizagem que aprendem nas oficinas e para além delas, por exemplo, em casa continuam a ler em família.

Os participantes do projeto são maioritariamente mulheres, enaltece a capacidade destas que, dentro das suas realidades nem sempre facilitadoras, procuram as oficinas, algumas em horário noturno, para aprender novas competências, com uma capacidade de resiliência e dedicação notável. De salientar o quanto a equipa dinamizadora aprende, através do exemplo e da perseverança dos participantes. Estamos convictos de que aprendemos mais do que alguma vez possamos ensinar. Esta equipa carinhosamente conhecida por *Equipa Maravilha* é uma equipa diversa, mas também maioritariamente feminina.

Paulo Freire é um amigo crítico de todos os elementos da *Equipa Maravilha*. Grande parte desta é constituída por estudantes ou profissionais da animação socioeducativa ou da educação, para quem Paulo Freire já é familiar e uma referência significativa. Mas, outros elementos, com formação de base de âmbitos diversos, passam a conhecê-lo na formação inicial oferecida pelo Projeto.

4. A Equipa do *Letras Pró Vida* e a fundamental formação permanente à luz de Freire

Referimos a importância de refletir criticamente sobre a necessária formação permanente dirigida à equipa de dinamizadores das oficinas do projeto *Letras Pró Vida*. Formação que decorre antes, durante e depois de cada edição das oficinas, numa lógica de reflexão crítica contínua e sistemática sobre a prática, relacionada com a teoria.

Tratando-se de uma equipa multidisciplinar, constituída por professores, estudantes, profissionais e voluntários, de várias áreas do saber (Animação Socioeducativa, Gerontologia Social, Educação de Adultos, Psicologia, Comunicação Social, ...), os seus contributos são importantes num processo de partilha constante e necessária para a superação de dúvidas e desafios da prática. Neste sentido, embora a formação em Alfabetização de Pessoas Adultas, no âmbito do Projeto *Letras Pró Vida*, seja promovida anualmente pela Escola Superior de Educação de Coimbra, não se trata de transferência de conhecimentos e conteúdos previamente programados, mas sim, atendendo às necessidades dos contextos e da equipa, “criar as possibilidades” (Freire, 2008, p. 22) para a produção e construção do saber necessário à dinamização das oficinas.

Assim, neste processo formativo, procura-se promover na equipa uma constante “curiosidade epistemológica” (Freire, 2008, p. 25) facilitadora da capacidade crítica de aprender que, por sua vez, permite ensinar, mas também aprender. A este propósito, Freire (2008, p. 23) alega que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Tal aprendizagem recíproca é uma constante nas oficinas de alfabetização e de literacia digital crítica. A partilha de saberes de “pura experiência feitos” (Freire, 2008, p. 29), por um lado, leva os participantes a quererem ir mais além daquilo que Freire chama de “curiosidade ingénuas” (Freire, 2008, p. 29). Por outro lado, muito mais que a formação académica, técnica e científica, para os estudantes e estagiários que fazem parte da equipa, resultam em elevado enriquecimento pessoal e satisfação por contribuírem para o benefício das pessoas e comunidades, que se traduzem em autênticas aprendizagens *prá vida*.

Nesta reciprocidade formativa, a propósito “da nossa maneira de estar no mundo e com o mundo”, sublinhamos a “capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (Freire, 2008, p. 28). Efetivamente, esse é um “pensar certo, em termos críticos” (Freire, 2008, p. 29), que também se procura fomentar na equipa.

Seguindo uma metodologia não formal, assente na colaboração participada e flexível de todos, os membros da equipa são incentivados a participarem em todos os momentos, desde a planificação à avaliação de cada uma das sessões e de cada edição. O que requer, da parte deles, à vontade para contribuir com ideias, sugestões e informações, sustentadas teoricamente e baseadas na prática de facilitadores das oficinas, mas também de aprendentes atentos aos “saberes socialmente construídos na prática comunitária” (Freire, 2008, p. 30) dos participantes. Neste sentido, quando Freire (2008, pp. 27-28) refere que “uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” somos levados a valorizar o muito que os participantes das oficinas nos permitem aprender, tornando-se, então, em “reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber” (Freire, 2008, p. 26).

Demonstrar respeito e consideração pelas necessidades e especificidades (físicas, cognitivas, culturais e emocionais) dos participantes, confiando nas possibilidades de aprendizagem de todos, é termos esperança de que “juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (Freire, 2008, p. 72).

A fé autêntica na pessoa aprendente é fundamental. Enquanto facilitadores da aprendizagem, acreditar que a pessoa é capaz é muito importante, pois nem sempre ela acredita nela própria. Restaurar essa fé exige que a própria pessoa reconheça que nós acreditamos e que é bem-sucedida nos desafios de aprendizagem que gradualmente vai enfrentando. Podem ser pequenos passos, num caminho que respeita o ritmo de cada um e onde o erro é oportunidade, mas as experiências de sucesso são muito relevantes para que a pessoa volte a ter fé nela própria

e volte a ter esperança na aprendizagem e na educação. “Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (Freire, 2006, p. 93).

Nessa prática dialógica, mais do que o domínio da ciência e da técnica pedagógica, a “amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, ...” (Freire, 2008, p. 120) revelam-se como qualidades, que o dinamizador deve reconhecer como fundamentais e desenvolver. Além disso, respeitar todos os participantes pelas pessoas que são, pelo que sabem (ou não), pela vontade e sonho de aprenderem, pelos receios de errar e pela constante culpabilização de não terem aprendido antes, é evitar qualquer procedimento inibidor e ser-se humilde e tolerante, dando tempo e respeitando o ritmo de aprendizagem de todos e de cada um.

Assim, a “rigorosidade metódica ... alonga-se à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.” (Freire, 2008, p. 26).

5. Reconhecer que nunca é tarde para aprender

Os participantes das oficinas de alfabetização e de literacia digital crítica vão ultrapassando a ideia de que há uma idade própria para aprender e de que já não lhes vale de nada quererem aprender. E são eles mesmos que, por sua vez, permitem aos elementos da equipa o reconhecimento de que querem e ainda podem aprender. De facto, por mais ancorada na prática e na partilha de experiências, a formação de dinamizadores das oficinas vai-se completando e fortalecendo por meio da “compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem” (Freire, 2008, p. 45) que a vivência das oficinas permite.

Certos na aprendizagem e educação ao longo de toda a vida, à semelhança de Freire (2008, p. 54), sublinha-se que, não sendo estranha, “a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado”. Neste sentido, abre-se o caminho a que todos reconheçam o seu inacabamento, e que possam ir além dele, sendo próprio da experiência vital. Ou seja, se Freire nos diz que “onde há vida, há inacabamento” (Freire, 2008, p. 50), e se todos nascemos “programados para aprender”, quando “impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (Freire, 2008, p. 84). Nesta dinâmica, são valorizadas as potencialidades das pessoas. Como afirma Lima (2020, p. 200): “o inacabamento dos seres humanos, e não a lógica dos défices e das lacunas face ao crescimento e ao emprego, é que é a razão substantiva da educação permanente e de adultos”. Assim, faz-nos muito sentido a esperança na educação permanente e formação para todos.

6. Facilitar a valorização de si, a participação cívica e a literacia da e para a vida

Formar uma equipa de dinamizadores das oficinas consciente dos objetivos do projeto é algo que permanece continuamente não só porque, de edição para edição, a equipa altera integrando elementos novos, mas também porque há a necessidade de se abordarem temas e questões que surgem, relativos aos diferentes contextos e participantes. Neste sentido, procuramos que a equipa se assumia como social e histórica, pensante, comunicante, transformadora, criadora, realizadora de sonhos, capaz de amar (Freire, 2008). Além disso, o dinamizador também vai aprendendo com a sua prática, com a sua curiosidade e a sua liberdade em permanente exercício (Freire, 2008).

Nesse processo comunicacional, de fala e de escuta dialógica, tem de haver espaço e tempo para que os sujeitos falem e escutem. Com a impaciência de ouvirmos a resposta,

frequentemente não damos tempo para a pessoa responder e perguntar. Efetivamente, “o primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la” (Freire, 2008, p. 116). Nesse ambiente amigável, de aceitação e respeito, a virtude da escuta é promovida, em simultâneo “com a comunicabilidade do inteligido. Não há inteligência da realidade sem a possibilidade de ser comunicada.” (Freire, 2008, p. 118).

A este propósito, Freire (2008, p. 121) diz-nos: “ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um género sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais.” É nesta lógica horizontal, intergeracional que, nas oficinas de aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita e da literacia digital crítica, as práticas também são de promoção da participação cidadã crítica e democrática no mundo. Os jovens, além dos saberes técnicos e tecnológicos, aprendem a reforçar a sua capacidade crítica, a fazerem história, cultura e a marcarem a sua “própria presença no mundo” (Freire, 2008, p. 58), os mais velhos enriquecem o diálogo com os seus pontos de vista experientes sobre o mundo, aprendem, ensinam, politizam em conjunto. Freire diz-nos que “estar no mundo ... sem politizar, não é possível” (2008, p. 58).

Nesta prática de educação para a liberdade (Freire, 1967), o *Letras Pró Vida* integra o Projeto *Literacia para a Democracia*, coordenado pela Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, nossa parceira, no qual se pretende fortalecer a cultura democrática e a consciência cívica, concretiza a promoção da literacia democrática através de iniciativas dinamizadas por jovens adultos nas suas comunidades, que resultarão em propostas concretas dirigidas a decisores públicos locais e nacionais (Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, 2019).

Porque não há educação neutra (Freire, 1967), todas as nossas atividades são atos assumidamente políticos, de transformação com recurso ao empoderamento pela participação das pessoas, num processo de humanização que não pode deixar ninguém para trás.

As oficinas *Letras Pró Vida* promovem a aprendizagem da leitura e da escrita com pessoas adultas que não tiveram a sorte de ir à escola ou de nela serem bem-sucedidas. Alguns dos participantes mais idosos não querem morrer sem saber escrever o próprio nome. Parece pouco, mas para eles é um sonho a cumprir, para alguns é mesmo razão para viver. Muitas vezes, os nomes dos participantes, dos seus filhos, netos e bisnetos são palavras geradoras (Freire, 1989).

“Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (Freire, 1992, p. 47). A muitos destes participantes, especialmente aos idosos devemos-lhes a oportunidade de cumprirem os sonhos, aparentemente simples, mas grandes para eles, de aprenderem a ler e a escrever, de serem capazes de escrever para o jornal, escrever um poema, as suas memórias ou uma carta de amor...

Chegou o Carteiro é uma das atividades de aprendizagem intergeracional promovida pelo projeto. Os participantes escrevem cartas aos netos e aos alunos das escolas e todos ficam expectantes com a chegada do carteiro. Embora gostasse de receber cartas, Paulo Freire tinha de responder a tantas, que às vezes desejava escrever ao mundo a pedir que não lhe escrevessem. “Gosto muito de receber cartas. Recebo muitas cartas e procuro respondê-las todas, com a ajuda de uma boa amiga” (Freire & Macedo, 2011, p. 170).

Apesar de vivermos num país pequeno à beira-mar plantado, alguns dos participantes não tinham ainda cumprido o sonho de ver o mar. Fomos vê-lo, cantá-lo e escrevê-lo. Quando o sonho se cumpre, vivem-se momentos emocionantes que proporcionam felicidade. Estes são alguns dos sonhos que o projeto *Letras Pró Vida* procura realizar.

Fruto de uma abordagem centrada na vida e para a vida, alguns participantes propõem-se responder a desafios do quotidiano, por exemplo: interpretar uma conta de luz, elaborar uma candidatura a um emprego, ler um rótulo, preencher um formulário de um serviço público...

Os participantes, sentindo-se empoderados, num exercício de participação cívica, escreveram aos protagonistas políticos locais e nacionais, reclamando o cumprimento de promessas eleitorais, a satisfação das necessidades básicas ainda por realizar, como o saneamento, a rede pública de transportes, o acesso à saúde e, claro, à educação, entre outros fatores que possam contribuir para uma maior qualidade de vida.

As oficinas *Teclas Prá Vida* foram criadas pela necessidade sentida, nas comunidades, de aprenderem a utilizar o computador, o telemóvel ou a internet. Os participantes aprendem, nestas oficinas, a utilizarem as tecnologias de acordo com as suas necessidades e interesses. Por exemplo, uns precisam de aceder a serviços públicos, como os serviços de saúde ou de finanças, outros querem ter acesso à informação e ler as notícias, outros pretendem aprender como realizar uma pesquisa de emprego online, e há quem deseje que a tecnologia os aproxime dos seus familiares. São muitos os participantes que querem aprender a utilizar as videochamadas para falarem com os filhos ou com os netos que estão distantes, por vezes noutros países. No contexto da pandemia, o uso destas ferramentas serviu também para minimizar a solidão e aproximar as famílias separadas pelo confinamento.

Quando iniciam esta aventura de navegação pela internet, os participantes ficam fascinados, para alguns parece mesmo magia. Também vemos este encantamento pela tecnologia em Freire (1995), quando ele nos conta quando o seu neto, Alexandre Dowbor, lhe telefonou para lhe dizer que tinha recebido uma mensagem, através da internet, de uma professora alemã que solicitava o seu endereço. “Quinze minutos depois, eu conversava com a professora alemã. Graças à tecnologia.” (Freire, 1995, p. 75). E termina por confessar que “se a minha mãe, que morreu em 1978, tivesse voltado à Terra e escutado o meu diálogo com Alexandre, não teria entendido nada.” (Freire, 1995, p. 75). E se Paulo Freire viesse agora à Terra? O que é que ele teria a dizer e a fazer sobre o desenvolvimento tecnológico, sobre as redes sociais, a desinformação ou as notícias falsas?

Certamente que continuaria a ter um pensamento crítico sobre todas estas questões, pois a sua posição era esta, “eu não sou contra o computador; o fundamental seria nós podermos programar o computador. É a questão do poder: é saber a serviço de quem ele é programado para nos programar” (Freire & Guimarães, 2013, pp. 95-96).

Este olhar crítico sobre a tecnologia e também sobre os media é estimulado nas oficinas, para que os participantes não tenham apenas um ponto de vista meramente utilitário destes meios, mas sim uma visão crítica da sua utilização. Tal como Freire fazia quando, por exemplo, via televisão, “sou um homem da televisão, sou um homem do rádio, também. Assisto a novelas, por exemplo, e aprendo muito criticando-as. É engraçado, comigo, esse fato. Sou um telespectador tão exigente de mim mesmo que me cansa assistir a programas de televisão, porque não me entrego docilmente. Eu brigo com ela, entendes?” (Freire & Guimarães, 2013, p. 21).

Numa sociedade predominada pela tecnologia é fundamental promover a literacia digital crítica do mundo. O projeto tem insistido nessa dinâmica, através de diversas iniciativas com e para os media, como por exemplo, através da participação na iniciativa nacional *7 Dias com os Media*, promovida anualmente, em maio, pelo Grupo Informal sobre Literacia Mediática.

Compreender os media a partir de Paulo Freire foi o mote para a atividade que se realizou este ano, nesta iniciativa. Com o objetivo de celebrar o centenário de Paulo Freire, o projeto divulgou, nas suas redes, diversos recursos para promover a reflexão e o diálogo sobre o seu contributo para a leitura e compreensão dos media, na perspetiva da literacia crítica.

A leitura de revistas, de jornais locais, nacionais e desportivos, ou de páginas de informação na internet, é seguida de interpretação, de análise e discussão crítica. Para melhor compreenderem todo o processo de produção da informação, numa das atividades, os participantes visitaram o jornal regional *Diário de Coimbra*, onde acompanharam todo o procedimento, desde a escrita das notícias, à paginação, impressão, distribuição e consumo. Chamámos o jornal regional, que os participantes gostam de ler, para dialogar, como Freire

sugeria chamar a televisão. “Vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!” (Freire & Guimarães, 2013, p. 32).

Numa outra experiência, os participantes tiveram a oportunidade de assumirem o papel de jornalistas por um dia, com a colaboração dos alunos da licenciatura em Comunicação Social da ESEC. Através dos gravadores, das câmaras de filmar e das máquinas fotográficas, escutaram a realidade, gravaram o mundo, e voaram sem medo e sem se perderem (Freire & Guimarães, 2013). Os participantes têm consciência desse processo, pois, como exemplo, referimos o nome que eles próprios dão ao seu grupo: “Pensadores Sem Medo”, que caracteriza a sua identidade enquanto aprendentes que navegam pelos novos mundos da internet.

Os riscos da internet, as questões éticas, de segurança, de privacidade, das notícias falsas e da desinformação, são objetos de constante análise crítica. Nas redes sociais abundam as teorias da conspiração, os tratamentos miraculosos para combater o vírus da COVID-19, esquemas fraudulentos e discursos negacionistas sobre a pandemia, que colocam em risco a saúde pública e que é preciso combater. A literacia digital crítica é assim cada vez mais urgente e necessária. Neste âmbito, desenvolvemos ação sistemática de promoção da educação para a saúde, partilha da informação da Direção Geral da Saúde, esclarecimentos relativos às vacinas e processo de vacinação, medidas relativas à pandemia e combate ativo contra a desinformação, esclarecimentos e apoio relativo aos Censos, através do telefone e das redes sociais.

O alerta que Paulo Freire fazia para o consumo da televisão é o mesmo que temos de fazer para a internet, não podemos estar simplesmente diante dela como um fato consumado. Pois, “a televisão é uma coisa fantástica, mas é preciso que a gente se ponha diante dela, como diante de tudo, muito criticamente” (Freire & Guimarães, 2013, p. 47).

Com cada vez menos redundância na relação entre o cidadão e o Estado, a tecnologia impõe-se como mediadora, excluindo quem não tem acesso ou competências digitais. As oficinas proporcionam oportunidades de facilitar esta relação, e a equipa apoia nestas exigências. Para além do ponto de vista utilitário, os participantes usam estes meios para promover a ação transformadora. Tornam-se cidadãos críticos e agentes de mudança, exercendo a participação cívica para a melhoria da sua qualidade de vida e da comunidade. Partilham a sua palavra, por exemplo, nas redes sociais, fazendo assim chegar a sua voz aos responsáveis políticos. Também são os protagonistas na valorização social e política da educação de adultos para todos(as), enquanto um bem público para todas as idades. Contrariando o preconceito de que a educação e a tecnologia são privilégio só dos mais novos, a educação e o mundo digital também é dos mais velhos e para eles.

7. É preciso esperar

Não podemos deixar de nos referir aos tempos difíceis que vivemos no mundo e como para nós faz tanto sentido a Pedagogia da Esperança de Freire (1992).

O projeto sofreu um impacto devastador com a pandemia. Perdemos alguns participantes com a COVID-19, o que nos trouxe uma tristeza imensa. As oficinas e todas as atividades de grupo presenciais foram suspensas e estamos todos com muitas saudades. Os contatos com os participantes que não dispõem de meios tecnológicos ou não são autónomos na sua utilização, ficaram reduzidos a visitas domiciliárias pontuais e a telefonemas. Com alguma ajuda das famílias, alguns deram continuidade ao desenvolvimento de competências digitais. Reforçámos a promoção da literacia digital crítica, com grande foco na educação para a saúde nas redes sociais. Em modo a distância, promovemos a formação da equipa e de animadores socioeducativos e, em diálogo com a nossa comunidade prática, preparámos o regresso das oficinas com estratégias necessariamente diferentes e criativas, mas ancoradas na mesma filosofia: alfabetização com o coração. E Paulo Freire vive no coração do *Letras Prá Vida*.

Para celebrar o centenário de Paulo Freire, o próximo *Encontro de Educação de Adultos Prá Vida* vai-lhe ser dedicado. Reunirá a comunidade de prática e a família do *Letras Prá Vida* para esperar, num convite que se estende a todos que comungam desta fé na Educação.

Este texto não pretende ser uma descrição reflexiva completa e acabada sobre o contributo de Paulo Freire para o Projeto *Letras Prá Vida*. Isso não é possível, nem desejável. Como o nosso diálogo com ele, a amizade crítica que com ele construímos cresce, à medida que o projeto e as pessoas nele crescem. Há sempre um olhar novo de cada vez que o lemos, que o ouvimos, que o escutamos de viva voz, nas suas entrevistas, nos seus textos, mas também nas pessoas que o trazem no coração e que nos oferecem a sua voz através da sua experiência e leitura de Freire. O coração é grande e bate forte, ritmado, em todos os seus amigos que partilham o sonho, a esperança e a ação transformadora para uma vida melhor, “para um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 2006, p. 213). Estamos juntos, a sonhar, a amar, a esperar...

Referências Bibliográficas

- Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente (2019). *Projeto Literacia para a Democracia*. <https://apcep.pt/literacia/wp-content/uploads/2021/05/Projeto-Literacia-para-a-Democracia.pdf>
- BRINGLE, R., & HATCHER, J. (1996). Implementing Service Learning in Higher Education. *The Journal of Higher Education*, 67 (2), 221-239.
- BUTIN, D. (2005). Service-learning as postmodern pedagogy. In D. Butin (Ed.). *Service-learning in higher education. Critical issues and directions* (pp. 89-104). New York: Palgrave Macmillan.
- European Association for the Education of Adults (2019). *Manifesto para a Aprendizagem de Adultos no séc. XXI: O Poder e a Alegria de Aprender*, EAEA: Bruxelas. <https://eaea.org/our-work/influencing-policy/manifesto-for-adult-learning-in-the-21st-century/>
- FREIRE, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/5.-Educação-como-Prática-da-Liberdade.pdf>
- FREIRE, P. (1981). *Ação cultural para liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/3.-Ação-Cultural-para-a-Liberdade.pdf>
- FREIRE, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/1.-A-Importância-do-Ato-de-Ler.pdf>
- FREIRE, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/10.-Pedagogia-da-Esperança.pdf>
- FREIRE, P. (1995). *À Sombra Desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água.
- FREIRE, P. (2006). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (2008). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, P. & FAUNDEZ, A. (1985). *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. (2013). *Educar com a Mídea: Novos Diálogos Sobre Educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. & MACEDO, D. (2011). *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro; Paz e Terra. <http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/Alfabetizacao-Leitura-do-Mundo-Leitura-da-Palavra.pdf>
- FREIRE, P. & SHOR, I. (1987). *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JACOBY, B. (1996). Service-learning in Today's Higher Education. In B. Jacoby & Associates (Eds). *Service-Learning in Higher Education* (pp. 3-25). San Francisco: Jossey-Bass.
- KEMMIS, S., MCTAGGART, R. & NIXON, R. (2014). *The Action Research Planner. Doing Critical Participatory Action Research*. London: Springer.
- LIMA, L. (2020). Democracia e Educação de Adultos: “Aprender com a própria vida”, Viver e Aprender Democracia. In Canelas, A. (Org.). *Educação de Adultos: Ninguém pode ficar para trás*. (pp. 198-209). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Manninen, J., Jetsy, A. & Sgier, I. (2019). *Change-oriented adult education in the fields of democracy and digitalization*. FutureLabAEProject Intellectual Output. Brussels: EAEA. https://eaea.org/wp-content/uploads/2020/02/FutureLabAE_updatedversion2.pdf.
- SIGMON, R. L. (1979). Service-learning: Three Principles. *Synergist*. National Center for Service-Learning. *Action*, 8 (1), 9-11.